

# Penna, Agulha e Galher

SEMANARIO DE DONAS E DONZELLAS

Directora: Zenir Alca  
Caixa postal n. 49

Supplemento da «E'poca»  
Anno VIII — Num. 50

Anno II

Florianopolis, 28 de Setembro de 1918

Num. 7

## A agulha da titia

Minha querida sobrinha

*Faz j algum tempo que tenho em mo, para lhe responder, suas prezadas letrinhas.*

*Muito bem, minha menina, muito bem: assim  que uma mocinha de juizo deve pens.*

*Costuras, bordados e grande economia, muito principalmente nestas eras.*

*Hoje a tia vem faceira recommendar, e muito, s minhas sobrinhas da Capital, a obrigao que tm s meninas de serzir suas meias; e fazel-o com perfeio.*

*-Ih! dir alguma peraltinha; servio de velha!*

*Desaforo! atrevimento! pouco conhecimento de seus deveres!*

*Pois anto  s as velhas que calam meias?*

*No, minha gentinha, no deveis pensar assim; pelo contrrio: todas as semanas, um dia pelo menos, pegi no vosso costureiro, bem longe do movimento das ruas (isto j se sabe!) e com boa vontade enfii a linha na agulha, o dedal no dedo e a bolinha de madeira na meia, e toca a tz das janellas um bnito tecido, com pontos ora pequenos, ora grandes, ora numa direo, ora noutra; e assim int ficar bem coberto o dia sant.*

*Bem sabem as sinhsinhas de hoje bellos tecidos; pois no fazem renda irlandeza, richuli, e muitos outros trabalhos da moderna?*

*Mas.. por falar em moderna,  verdade que a moda de hoje manda cal meias de fil, fio de escocia e que sei eu l mais o que?! E as meninas bonitas usam taes rendas, sem quasi poderem dar um pontareco, pois quando as meias saem do uso, no servem nem para barrete de beb.*

*Antigamente as rendas e os fis eram para a cabea! Hoje rendolas nos ps e chapesso nas cabeas!... Ai! que o mundo est de perna p'ra riba, sem duvida nenhuma!*

*Mas que tz? quem tem a culpa so muitas senhoras mames que j se esqueceram da tradio to cheia de encantos em*

*que lhe deram bellos ensinamentos nossas respeitaveis avs.*

*T bom; chega. Para as meninas que no usam taes meias o primeiro conselho serve; quanto s sobrinhas modernas, peo — que atreparem na era que atravessamos e lembrem-se que ser patriota no  andar na moda, mas ser economica; isso sim! e principalmente nas meias.*

*Chi! a titia Xanda hoje fincou agulha que deu medo...*

*Mas no faz mal, pancada de me no doe e... espinhadelas de titia produz alegria. Adeus; muitos abraos e saudades s priminhas todas.*

*Envia-te prazenteira a beno, pedindo a Deus Nosso Senhor que te crie sempre pr'o bem, a*

Titia Xanda

Furadinho, 15 — 8 — 918

## Diario da Filha de Maria

Pequenos nadas

IV

*Essa visita, embora de um minuto, a Jesus na santa Eucharistia; a leitura desse pensamento piedoso, que eleva a alma e d energia  vontade; essa palavra que, docemente e sem ar de commando, afasta uma queixa, uma murmurao, uma maledicncia, uma blasphemia talvez; esse vintem posto de lado (como aco de graas por um beneficio recebido ou como expiao de uma falta commettida) para ser dado aos pobres; essa contrariedade aceita sem se mostrar o aborrecimento que ella nos catisa...*

*Esses pequenos nadas, caras Filhas de Maria, fazem descer do co, sobre quem os no despreza, as mais abundantes graas.*

*Procuremos, pois, multiplical-os!*

Fim.

A E'POCA encontra-se  venda durante toda a semana na casa do sr. Amadeu Beck,  rua Felipe Schmidt 5, e na casa «Grecia»,  praa 15 de Novembro.

## PENNA, AGULHA E COLHER

-Publicação semanal-  
Assignaturas

Anno . . . . . 2\$000  
Mez . . . . . \$200  
Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuaes pagas terá direito a uma gratuita.

*A assignatura annual para os assignantes da «Época» custa 1\$000.*

## Um quarto mal assombrado

COMEDIA EM 1 ACTO

Adaptação de Edésia Aducci

PERSONAGENS:

*Maria Ziegler, professora; Gabriela Ziegler, tambem professora; Anna Capistrani; Magdalena Bel Esprit, escriptora; Joanna Macedo, dona da hospedaria; Wally, creadinha.*

SCENA IV

*Entram D. Joanna, com um castiçal na mão, e Maria Ziegler, com uma malinha de viagem.*

JOANNA — Wally, estás prompta? arrumaste tudo? (A Maria) Então, senhorita, é este o seu quarto. Creio que se achará bem aqui: veja esta cama, arrumadinha agora mesmo; esta mala, tão boa para guardar a sua roupa!.. Wally, dá corda no relógio! Já te esqueceste outra vez!.. Agora, senhorita, preciso saber si lhe falta alguma cousa.... (Wally sae)

MARIA — Nada me faltará, si puder descansar bem aqui, pois estou muito cansada. Imagine a sra. que viajei de carro desde hontem de manhã!

JOANNA — Santa Barbara! isto não é brincadeira!

MARIA — E ainda por cima choveu hontem torrencialmente o dia inteiro, de modo que ainda hoje estavam as ruas tão enlameadas, que as rodas de carro não se moviam sinão a muito custo!

JOANNA — Aqui tem feito bom tempo.

MARIA — Mudando de assumpto: a sra. tem muitos hospedes?

JOANNA — Estamos justamente na epoca em que recebo poucos hospedes: ninguem gosta de viajar no inverno.

MARIA — Então o hotel está vazio?

JOANNA — Não, isto não quero dizer; mas em outras occasiões, temos seis vezes mais hospedes do que actualmente, pois a hospedaria — Ao gancho de ouro — já está com a sua fama reconhecida.

MARIA — Tem alguns hospedes, então, não é?

JOANNA — Sim, duas senhoras aqui á direita e á esquerda, e mais duas lá para dentro; a vizinha deste lado (aponta para a porta do quarto de Magdalena) vive dia e noite a escrever.

## CORRESPONDENCIA

*Perfil.* — Foi-nos enviado por uma distincta collaboradora um trabalho deste genero.

Não o publicando por varios motivos, pedimos desculpas á intelligente autora.

## Dominios da Esphinge

Quarto torneio charadistico

Julho, Agosto e Setembro

73-75) SYNCOPADAS

3—O bôbo está neste edificio—2.

*Heloisa*

*A' inesquecivel amiguinha Nicia Borges*

3—Este animal aprecia muito este vehiculo—2.

3—Nesta serra é tudo tão immundo!—2.

*Nathercia Silva*

76-79) NOVISSIMAS

Aqui está a tribu do Brasil—1,2

*Nathercia Silva*

No altar há uma fruta de uma cidade do Brasil—2,2.

A principal peça navegavel é o jornal —2,2.

O reservatorio, senhora, toma-se por desforra—3,2.

*Heloisa.*

## Quarto torneio charadistico

Encerramol-o hoje. Visto circular o nosso jornalzinho tambem em outros Estados do Brasil, devemos alongar os prazos. Assim, receberemos soluções até 5 de Novembro e daremos o resultado a 9 do mesmo mez.

Haverá premios para as duas primeiras decifradoras e para a autora da composição melhor, de accordo com a votação das nossas leitoras.

# GEADAS

Qu' espesso manto,  
branco, gelado,  
cobre os outeiros,  
a serraania;  
e pelos campos  
e pelo prado,  
como um sudario,  
longo se amplia!

Verdes pastagens,  
lindas, outr'ora,  
como tapêtes  
avelludados,  
miseras, tristes  
mostram-se agora,  
nuas, despidas  
dos seus gramados.

Aos duros tratos,  
rudos, abruptos,  
os cafezeiros  
choram lembranças

das niveas flôres,  
dos rubros frutos,  
suas perdidas,  
doces esp'ranças.

As tenras, novas,  
viçosas cannas,  
pendem, mirradas...  
Oh! desventura!  
Com verdes palmas  
crescendo, ufanas,  
murcham agora  
sem a doçura!...

E os rios gelam...  
Morrem os peixes,  
morrem as aves,  
morrem as flôres!...  
Do flavo trigo  
dourados feixes,  
quando hão de vel-os  
os segadores?...

As aureas flôres  
do algodoeiro,  
que a branca felpa  
no seio têm,  
quando ha de vél-as  
o fazendeiro,  
nos verdes ramos  
brilhar, tambem?

Não terão pasto  
mansas ovelhas,  
que os vastos campos  
não têm verdores;  
embalde, embalde,  
destras abelhas  
por esses prados  
buscarão flôres!

Morrem de frio  
as criancinhas  
sem terem panno  
para vestir;

sem lã, sem leite  
das ovelhinhas,  
que desconfortos  
hão de sentir!...

Deus de piedade!  
Deus de clemencia,  
Olhai da terra  
essa tristeza!  
Da Primavera  
na florescencia,  
cobri d'encantos  
a Natureza!...

E as novas flôres,  
os passarinhos  
e as criancinhas  
vos bemdirão;  
pelas devesas,  
pelos caminhos,  
hymnos cantando  
de gratidão!

Julho de 1918

Delminda Silveira

## Reminiscencias...

Foi um dia... oh! eu nunca esquecerei esse dia, nem nas horas da mais profunda melancolia, nem nas horas do maior prazer!

Esse dia... é aquelle em que tive a ventura de conhecer uma pessoa, attrahente, nobre e firme, como ninguem mais neste mundo! Que mais dizer da sua figura, do seu character? Foi-me apresentada numa bella tarde de Janeiro, no parque da pequena cidade, e, sob o murmurar subtil das folhas movidas pelo vento e o cantar melodioso dos passarinhos, sentimo-nos attrahidos.

Conversámos sobre mil cousas, e, ao anoitecer, despedimo-nos, levando cada um o retrato do outro gravado no coração. E depois, na ultima domingueira no Club B., despedimo-nos. Nada de sentimental. Um aperto de mão, duas palavras e... adeus para sempre illusão de minha infancia! No dia seguinte tomei o trem que me carregava para sempre daquelle lugarzinho em que passára horas tão felizes. Passou-se tudo tão depressa naquella manhan de despedida, que hoje me admira de ainda me lembrar de tudo!

Chegámos á estação. Passámos os curtos minutos de espera a conversar, e depois de um curto apito, o trem em que eu me achava se punha em movimento. E quando puz a cabeça de fóra para olhar mais uma

vez para a estação, bem ao dobrar o morro, que nos encobria depois à vista, eu vi além, meio coberto pelo nevoeiro, que pairava sobre aquelle lugar, uma pessoa abanar-me, e, triste e commovida, respondi esse acto de despedida no momento em que o trem, seguindo implacavel o seu caminho, desaparecia por detraz do morro...

Nora Sanfelice.

## 8) ANCILLA DOMINI

### O resgate de um pae

JORNAL DE CECILIA

Meu pae entrou para o quarto e só voltou á hora do almoço.

Os domingos são os meus dias mais tristes. Vou sózinha á missa e papae só apparece ás refeições; o resto do tempo passa fechado em seu gabinete, a escrever. Tem já publicado diversas obras que são elogiadas; alem de trabalhos scientificos, escreve como passa-tempo artigos de critica literaria para diversos jornaes importantes.

Creio que tem publicado contos e novellas tambem, mas nunca me falou em seus escriptos; é de uma reserva e concentração extraordinarias. Quanto á religião, vejo que tem fé, crê em tudo que crê a Igreja Catholica... mas não quer praticar; pediu-me uma vez, com todo o sermão, que não

insistisse nessa materia, sob pena de o contrariar deveras.

10 de Agosto

Qual será o segredo doloroso que o opprime? Não devo perguntar... Com que efusão beijou-me hontem, vendo o retrato de mamãe com nova moldura, feita por mim, de trabalho de pyrogravura! Disse-me a meia voz: — «Quanto lastimo não a teres conhecido. Era celeste, e eu não merecia, sequer, beijar o pó pisado por seus pés!»

São rarissimas expansões desse genero, de meu pae; elle parece estar sempre revestido de dupla couraça de gelo.

13 de Agosto

Pobre pae, que sofrimento o tortura?! Hontem, domingo, nova expansão sua.

Eu pensava estar sózinha na sala, trazia a alma amargurada, arcando sob o peso de anciedades sem nome; suffocando os soluços, puz-me a tocar ao piano as musicas mais sentimentaes de meu repertorio, traduzindo nos lamentos do canto excessivamente melancolico de Beethoven *Der Mondschein (O Luar)* a angustia de meu abandono e de minha solidão.

Executei essa sonata com muita expressão, tenho disso consciencia, e qual não foi meu susto ao ouvir, por detrás do piano, o choro convulsivo e nervoso de um homem! Era papae; levantei-me, e sem saber por que, puz-me a chorar tambem a seu lado.

Por fim conseguiu dizer:

— Tua mãe tocou essa sonata 8 dias antes do teu nascimento; com que sentimento, com que maestria! Tu lhe herdaste o talento musical. Quando ella feriu os ultimos accordes, chegou-se a mim, dizendo:

— «Si eu morrer, querido, curva-te á vontade divina, um dia nos encontraremos no céu... Meu pobre Alberto, quanto has sofrido por minha causa...

— Não, não, interrompi, não digas isso, és o raio de sol de minha atra existencia. Perdoa me, filha, contou-me papae, cortando o fio ás dolorosas recordações, não te quero entenebreecer a vida; és jovem, tens direito de ter illusões, não chiores, Cecilia... não mais falemos no passado.

— Perdão, papae, permitta-me uma pergunta: como pôde o Sr. viver estes annos todos, com tão profunda dôr e sem procurar o lenitivo da religião? Minha mãe era piedosa, o sr. é crente; por que?

— Cecilia! — exclamou papae muito agitado — é que para mim não ha absolvição!

— Impossível isto é impossível!

— E' a verdade... não falemos mais niso... cu quem sabe? E's capaz, filha, de suppor-

tar uma confidencia terrivel que te arranque d'alma as bellas illusões da primeira mocidade?

Estremeci sem responder logo.

— Dize, és capaz de lançar um olhar ao pégo immundo da maldade humana, sem te deixares dominar de asco e desprezo pela humanidade inteira?

— Disto sou, papae; porque eu conheço parte da humanidade que salva a outra: almas capazes de sacrificios, de nobres ideias, de virtudes heroicas!

— Bem, filha, então amanha contar-te-ei a minha historia, a tenebrosa historia de nossa familia toda. Hoje não me é possivel, sinto-me sem coragem e... demais, quero mostrar-te alguns documentos.

Não dormi esta noite, empolgou-me indizivel agitação, que só logrei dominar rezando muito.

20 de Agosto

Meu Deus! meu Deus! já sei a triste historia de minha familia; aqui escrevo a *Narrativa de meu pae.*

«Não sabes talvez, Cecilia, que quando teu avô morreu eu mal contava 6 annos. Delle resta-me apenas vaga reminiscencia... era todo mansidão e paciencia, nunca o vi irritado, apesar de doente; a impressão que me deixou é de um rosto transfigurado pela dôr resignada.

«Um anno após a morte de meu pae, casou-se minha mãe com um certo ricoço de S. Paulo, homem sem vicios nem qualidades... mediocre em tudo, menos na fortuna que era colossal. Nós residiamos na capital de S. Paulo. Eu consagrava a minha mãe um culto fanatico: em meu coração innocente e puro tinha ella um throno de amor; em meus sonhos infantis, eu a via bella como visão angelica á beira de meu leito. Bem depressa porém se esvaeceu a visão: minha mãe depois de casada pela segunda vez entregou-se á vida do *high life*: festas, sarás, recepções, um luxo extremo, mas o filho lá ficava esquecidinho, triste em seu isolamento moral. Quantas vezes banhei de lagrimas o travesseiro da caminha porque todo o dia mal tinha visto aquella que meu coração adorava e cujo desamparo tanto me doia! Fui para um internato... oh! quanto sofri! Depois vim para o Rio, onde me formei em medicina na idade de 21 annos.

«Já nessa época eu trazia uma grande desillusão n'alma; não cria mais no amor de minha mãe!

«Sentia-me estranho em casa de meu padrasto; evitava o reboliço das festas e procurava muito a casa de um velho collega que me amava como um filho, e em cuja companhia passava eu deliciosas horas de estudo.